

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CAROLINE KIRSTEN REIS

**História da escrita: uma contextualização necessária para o  
processo de alfabetização**

Uberlândia – MG

Outubro/2019

CAROLINE KIRSTEN REIS

**História da escrita: uma contextualização necessária para o  
processo de alfabetização**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito à obtenção de licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Adriana Pastorello B. Arena.

Uberlândia – MG

Outubro/2019

Caroline Kirsten Reis

**História da escrita: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização**

Monografia aprovada para finalização do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 21 de outubro de 2019.

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Adriana Pastorello B. Arena – UFU (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Valéria Aparecida Dias Lacerda de Resende

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Fernanda Duarte Araújo Silva

## **AGRADECIMENTOS**

A produção e realização desse trabalho foi uma tarefa laboriosa. Um processo de idas e vindas, de descobertas e aprimoramento. Foram muitas leituras, livros, pesquisa e produção e realização de oficinas, dias de angústia e de alegria. Porém, a concretização dessa pesquisa trouxe uma contribuição em aprendizagem que jamais conseguiria adquirir de outra forma que não esta. Meu olhar para o campo da alfabetização, assim como para a história da escrita jamais será como antes.

À professora Adriana Pastorello Buim Arena, que com seu encanto, conhecimento e firmeza, fez com que eu me maravilhasse pelo ensino da Língua Portuguesa. Muito obrigada pela sua paciência, persistência e apoio. Foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao meu marido, professor José Rubens Macedo Junior, por estar sempre ao meu lado, me ouvindo e me incentivando e aos meus filhos, por compreenderem minha ausência e meu esgotamento em alguns momentos.

## RESUMO

Compreendendo a alfabetização como um processo sociocultural no qual o indivíduo desenvolve práticas sociais de leitura e de escrita pré-existentes a ele, e considerando a escrita como uma tecnologia em constante evolução, o presente trabalho tem como objetivo avaliar as contribuições que o ensino da história da escrita tem no processo de alfabetização. A pesquisa objetiva examinar como esse conteúdo oferecido aos alunos em processo de alfabetização, pode contribuir para a aprendizagem das crianças. O estudo foi realizado por meio de levantamento bibliográfico sobre a história da escrita, pela elaboração e execução de oficinas, observações e entrevistas para avaliação de resultados. No referencial teórico foram abordados temas como a função e evolução da escrita, as transformações dos suportes da escrita, como esses suportes alteravam a relação do homem com o escrito, assim como contextualiza a escrita no universo infantil e suas significações. Após a pesquisa foi possível perceber que os alunos se apropriaram da história de escrita, assim como resignificaram o uso da escrita apontando o seu uso para além dos muros da escola.

**Palavras-chave:** História da escrita. Escrita. Alfabetização.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Placa de escrita cuneiforme sumérica .....	13
Figura 2 -	Papiro egípcio .....	14
Figura 3 -	Transformação dos hieróglifos .....	15
Figura 4 -	Fragmentos de papiro .....	16
Figura 5 -	Exemplar do tora .....	17
Figura 6 -	Alfabeto consonantal .....	19
Figura 7 -	Livro utilizado para a roda de leitura .....	30
Figura 8 -	A Arte Rupestre em rocha nos EUA .....	31
Figura 9 -	A Arte Rupestre na caverna de Lascaux .....	31
Figura 10 -	Tabuletas .....	32
Figura 11 -	Escrita hieroglífica na argila .....	32
Figura 12 -	Significado da escrita egípcia .....	33
Figura 13 -	Cálamos .....	33
Figura 14 -	Planta papiro .....	33
Figura 15 -	Como fazer o papiro .....	33
Figura 16 -	Instrução de como fazer tinta natural .....	34
Figura 17 -	Imprensa de Gutenberg .....	35
Figura 18 -	Tentativa de reconstrução da imprensa de Gutenberg .....	35
Figura 19 -	Caixa da contação de história .....	37
Figura 20 -	Objetos utilizados na contação de histórias .....	37
Figura 21 -	Caverna construída com papel kraft .....	39
Figura 22 -	Caverna com os desenhos dos alunos .....	39
Figura 23 -	Atividade de desenho na caverna .....	40
Figura 24 -	Atividade de escrita cuneiforme .....	42
Figura 25 -	Atividade de escrita no papiro .....	45
Figura 26 -	Atividade de escrita no pergaminho .....	46
Figura 27 -	Texto coletivo .....	48
Figura 28 -	Atividade da máquina de escrever .....	48
Figura 29 -	Atividade de escrita com emoji .....	50

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Roda de leitura .....	30
Quadro 2 -	Arte na caverna .....	30
Quadro 3 -	Argila .....	31
Quadro 4 -	Papiro .....	32
Quadro 5 -	Pergaminho .....	34
Quadro 6 -	Papel .....	34
Quadro 7 -	Tablet .....	35

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO I - A HISTÓRIA DA ESCRITA .....	11
1.1 - O mais antigo sistema de escrita .....	12
1.2 - A escrita egípcia .....	13
1.3 - A escrita alfabética .....	17
1.4 - A leitura em voz alta .....	19
1.5 - A leitura silenciosa .....	21
1.6 - A escrita .....	22
CAPÍTULO II - METODOLOGIA .....	23
2.1 - Características gerais do estudo .....	24
2.2 - Caracterização da escola .....	25
2.2.1 - Sujeitos da pesquisa .....	26
2.3 - Instrumentos utilizados .....	27
2.3.1 - Observação .....	27
2.3.2 - Entrevista .....	28
2.3.3 - Plano de intervenção .....	28
2.3.4 - Quadro de oficinas .....	29
CAPÍTULO III - SURGIMENTO DA ESCRITA: UM POSSÍVEL PERCURSO DE APRENDIZAGEM .....	36
3.1 - Roda de leitura .....	36
3.2 - Arte na caverna .....	39
3.3 - A escrita na argila .....	41
3.4 - A escrita no papiro .....	43
3.5 - A escrita no pergaminho .....	45
3.6 - A escrita no papel .....	47
3.7 - A escrita na tela / tablet .....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS .....	54
APÊNDICE .....	56

## INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo sociocultural pelo qual o indivíduo desenvolve práticas sociais de leitura e da escrita, levando-o ao domínio da sua língua materna. Nesse sentido, dizer que alguém aprendeu a ler e escrever, não quer dizer apenas que esta tenha sido alfabetizada, mas que tenha adquirido a competência para além desta, envolvendo-se em suas práticas sociais, realizando a leitura em suas diferentes fontes e a escrita de textos relevantes e significativos, ou seja, tornar-se uma pessoa envolvida nas práticas aprendidas.

O mundo da escrita está hoje em plena transformação e os diversos meios de comunicação desenvolvem-se de maneira muito rápida, alterando os comportamentos da atividade de leitura e a relação do leitor com o texto escrito. Nossas representações e nossas práticas de leitura sofreram transformações a cada nova invenção tecnológica, as quais podem ser observadas desde a invenção da escrita alfabética, da imprensa no século XVI e, mais tarde, da pena de metal no século XIX, até chegar nos dias de hoje com o uso do computador, do tablete e do celular.

Ao longo da história, essa mudança de comportamento em relação ao escrito pode ser observada na modificação do ato de ler, que foram diretamente influenciados pelas mudanças físicas do texto, como também das mudanças culturais ocorridas em determinados momentos da história. Os materiais utilizados para registro dos textos foram se modificando, a escrita na pedra foi sendo transferida para o pergaminho e depois para o códex, do mesmo modo que a forma de escrever também se alterava, como o surgimento dos espaços entre as palavras e o uso de letras maiúsculas e minúsculas, facilitando desta maneira a leitura e a compreensão do texto pelo leitor.

A invenção da escrita provocou profundas mudanças intelectuais e sociais, transformou uma sociedade oral em uma sociedade escrita, considerada por alguns antropólogos como o abandono da mente selvagem. O livro e o texto impresso constituíram uma importante força na evolução cultural e o hábito de ler começou a representar uma poderosa força de mudança social.

Entretanto, apesar da escrita ser considerada um instrumento de comunicação complexo, indissociável do meio cultural, esta aprendizagem vem sendo realizada de forma mecânica, com a priorização das técnicas, distanciadas de sentido e sendo apreendidas de forma passiva pelos alunos, demonstrando-se como um processo metodológico que não auxilia no processo de aquisição da língua escrita. Associada a essa realidade, a língua escrita é apresentada aos alunos de forma distanciada da sua origem, evolução, assim como

de sua função.

Dentro deste contexto e considerando a importância do papel do professor como mediador desse conhecimento, compreende-se a importância de se pensar o processo de alfabetização como um fato histórico e cultural, possibilitando as crianças a conhecer as etapas cruciais da história da escrita, extraindo benefícios significativos para suas aprendizagens escolares e para seu desenvolvimento social.

Mediante a convicção de que a entrada na cultura escrita não se limita à apropriação do ler-escrever, mas que ela constrói um domínio simbólico, reflexivo e consciente da língua, e que a toma como objeto, esta pesquisa de intervenção visa contribuir a cerca dessas considerações. Este trabalho está estruturado em três capítulos, essa introdução e as considerações finais.

No primeiro capítulo *A História da escrita* serão apresentados o percurso histórico da escrita, os diferentes suportes que acompanharam sua evolução, assim como as mudanças ocorridas na forma de interagir com o material escrito.

No segundo capítulo intitulado *Metodologia*, apresenta-se o processo metodológico percorrido nesta pesquisa, a sequência didática das oficinas desenvolvidas, assim como os instrumentos utilizados na realização das mesmas.

No terceiro capítulo *Origem da escrita: um possível percurso de aprendizagem* serão expostas as oficinas de forma descritiva, assim como reflexões acerca das concepções do ensino da Língua Portuguesa, do papel que o professor desempenha como mediador no processo de alfabetização e da motivação dos alunos para aprendizagem da língua da prática.

E por fim serão registradas as considerações finais que recuperam as questões pertinentes da pesquisa e apresentam os resultados finais.

## CAPÍTULO I – A HISTÓRIA DA ESCRITA

*A escrita é, no entanto, muito mais do que “a pintura da voz” como queria Voltaire. Tornou-se a suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural da sociedade (literatura), meio de expressão democrático e informação popular (a imprensa) e uma arte em si mesma (caligrafia), para mencionar algumas manifestações.*

(FISCHER, 2009, prefácio)

Para compreendermos como o homem se apropriou do escrito, tornando-se um leitor e como esse leitor teve sua relação com a leitura modificada em cada nova mudança tecnológica desenvolvida pelo homem, é importante fazermos um breve retorno ao surgimento da escrita. A escrita é uma tecnologia desenvolvida ao longo da história da humanidade que possibilitou a imobilização da linguagem oral, transcendendo as condições ordinárias de tempo e de lugar. Diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo desenvolveu diversos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nos entalhos e desenhos para a fixação da linguagem oral.

Entretanto, a escrita é mais que um instrumento que emudece a palavra, ela transforma a cultura em uma possibilidade transmissível, como as leis, a filosofia, o comércio, a religião, a poesia, e a história. Para Higounet (2003), a escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria, dividindo a história da humanidade em duas imensas eras, antes e a partir da escrita. Deste modo, a escrita não é um procedimento destinado apenas para a fixação da palavra, mas também dá acesso ao mundo das ideias, permite apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo, por isso a história da escrita segue a história dos avanços do espírito humano, e “contribui não só para o nosso entendimento do mundo como de nós mesmos.” (OLSON,1996, p. 13)

A escrita teve origem num passado relativamente recente, se o compararmos com os muitos milhares de anos pelos quais se estende o progresso intelectual da humanidade. Apenas nos meados do século IV a. C. a humanidade utilizou uma “escrita completa”, que para ser assim classificada, a escrita deve ter como objetivo a comunicação, deve consistir de marcações gráficas artificiais feitas em superfícies duráveis ou eletrônica e deve usar

marcas que se relacionem convencionalmente para articular a fala ou uma programação eletrônica, de uma maneira que a comunicação seja alcançada.

Muitos povos atribuíram o surgimento da escrita às divindades ou aos heróis lendários. Desde as pinturas rupestres, o homem da pré-história sentia necessidade de preservar registros de suas atividades e de deixar uma marca para a posterioridade. Quando o homem passou de nômade para sedentário, iniciando o cultivo do seu alimento e a criação de animais, surgiu a necessidade de um recurso para registrar as contagens do que possuía e o quanto de alimento havia estocado. Segundo Février (*apud* HIGOUNET, 2003, p.11), para que haja a escrita “é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado” e “em seguida é preciso que esses sinais permitam gravar e reproduzir uma frase falada”.

Antes de chegar a escrita completa, a humanidade usou uma riqueza de símbolos gráficos e mnemônicos, que são ferramentas de memória, de vários tipos como pictográficos, registros feitos com nós, ossos ou paus entalhados ou tábuas com mensagens, ligando objetos físicos com a fala para acumular informações. A aquisição desses símbolos ocorreu por um processo lento de desenvolvimento e variando segundo a mentalidade e a língua das sociedades em que são operados.

### **1.1 O mais antigo sistema de escrita**

A escrita cuneiforme nasceu na Suméria, região da Mesopotâmia, foi decifrada no século XIX, sendo considerado o sistema de escrita mais antigo até hoje conhecido. Contadores registravam o patrimônio com uma espécie de estilete pontiagudo, usando sinais e números sobre placas de argila mais ou menos do tamanho de um cartão de crédito. O ato de pressionar uma cunha na argila mole deu esse nome a esse sistema de escrita. Terminada as inscrições, as placas eram secadas ao sol. Posteriormente, a escrita mesopotâmica passou a ser usada para registrar contratos jurídicos, inscrições dirigidas aos deuses e narrativas.

Segundo Lyons (2011), no segundo milênio a. C., existiam escolas para escribas, voltadas para o ensino da esotérica arte de escrever, entretanto, na Mesopotâmia, como em muitas sociedades antigas, esse ofício era restrito a uns poucos profissionais e os sacerdotes tinham o monopólio da interpretação dos livros sagrados, além de serem os únicos que podiam “ler” as mensagens reveladas nas entranhas dos animais sagrados.

Com a escrita cuneiforme, a literatura teve início, os textos literários mais antigos do mundo apareceram em tabuletas sumerianas, em forma de poemas e narrativas, no entanto,

a grande maioria das inscrições cuneiformes reveladas na Mesopotâmia são de registros contábeis e administrativos. Usada por cerca de três mil anos, a mesma extensão de tempo que nosso alfabeto é conhecido, a escrita cuneiforme é hoje apreciada como uma das principais escrituras.

**Figura 1:** Placa com escrita cuneiforme suméria, datada de c. 2100 a.C., usada para o registro contábil dos templos.



Fonte : LYONS, 2011, p.16

## 1.2 A escrita egípcia

A escrita egípcia foi chamada pelo grego Clemente de Alexandria, por volta de 1.800 anos atrás de hierogluphiká – “escrita sagrada”, e é considerada um dos sistemas de escrita mais belo e cativantes do mundo e juntamente com a escrita cuneiforme, uma das mais importantes do Oriente Próximo antigo. Os hieróglifos eram sinais sagrados gravados que os egípcios consideravam ser a fala dos deuses, originalmente consistiu de cerca de 2.500 sinais, sendo cerca de quinhentos deles usados com mais frequência. Era a escrita dos textos e inscrições eram feitas em metal, pedra, madeira e outros suportes duros, embora os

hieróglifos também eram escritos em tinta sobre o papiro, couro e óstraco (fragmento de cerâmica).

**Figura 2:** Papiro egípcio, livro dos Mortos, de c. 1375 a.C., colocado na câmara de sepultamento



Fonte: LYONS, 2011, p.21

Os hieróglifos são dispostos tanto de alto a baixo como horizontalmente, bem como da direita para esquerda e as figuras normalmente são viradas para o começo da linha. O visual exterior da escrita hieroglífica é muito próximo do desenho, conferindo um caráter decorativo para esta escrita. Apesar desta aparência, o mecanismo interno do sistema era complicado, pois os sinais na escrita exprimiam ora uma palavra, ora um som. Apesar de bela, a escrita hieroglífica não era a mais utilizada, como conta Fischer (2009, p.43):

A maior parte da escrita no Egito Antigo, no entanto, não era em hieróglifos, que tomavam muito tempo para traçar ou entalhar. A escrita hieroglífica cursiva, só muito mais tarde chamada de “hierática”, desenvolveu-se quase imediatamente como instrumento prático para escrever documentos comuns – cartas, contabilidade, listas – e já no segundo milênio a. C., também textos literários

A escrita hierática era a escrita do dia-a-dia, mais rápida e de desenho mais livre e veio a ser a escrita dos sacerdotes. Desta forma de escrita surgiram os escribas, uma classe extremamente influente e respeitada, diferentemente dos escribas da Mesopotâmia, que eram tratados como meros escreventes. No Egito, os escribas mais admirados eram os escribas sacerdotes, podendo alcançar fortuna, riqueza e posição social.

**Figura 3:** Transformação dos hieróglifos

Egípcio	Proto-sinaítico	Fenício	Grego antigo	Grego	Latim
				A	A
				B	B
				Γ	G
				E	E
				K	K
				M	M
				N	N
				O	O
				P	R
				T	T
				Σ	S

Fonte: FISCHER, 2009 p. 46

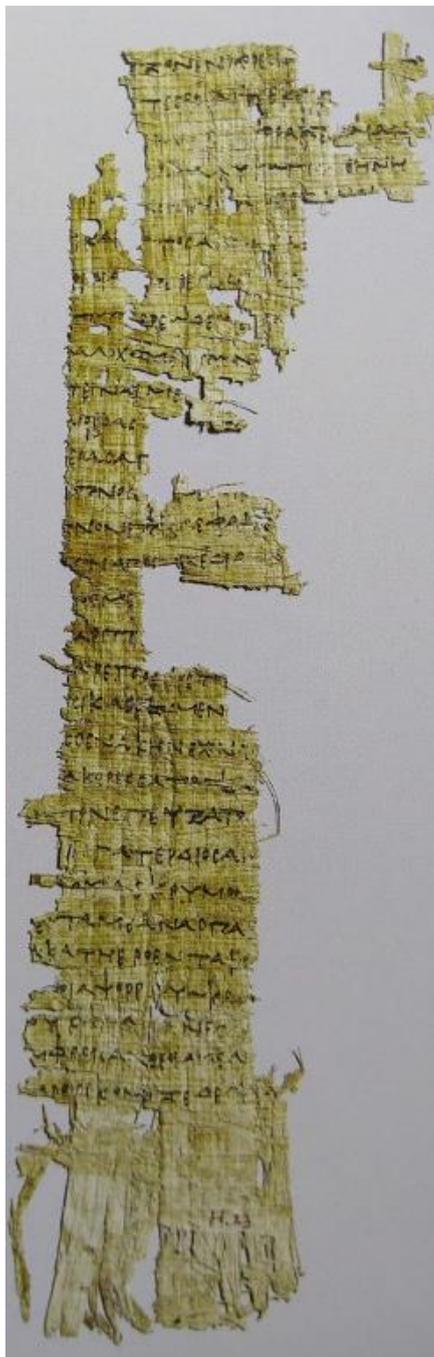
O material mais comum para escrita era o papiro, muito mais vantajoso que as tabuletas de argila pesadas da Mesopotâmia. O papiro era leve, flexível e fácil de guardar. Feito a partir de juncos que cresciam ao longo do rio Nilo, o caule era retirado em forma de tiras, que eram sobrepostas em camadas e depois pressionadas e os fluido das plantas mantinham juntas as camadas. As folhas poderiam ser cortadas e coladas formando um rolo mais longo e uma vara de madeira era presa à última folha. Estima-se que a escrita em papiro sobreviveu durante 3.700 anos.

A contribuição que o Nilo deu ao mundo foi imensa e embora a ideia de a escrita completa ter surgido na Suméria, a forma com que escrevemos e mesmo alguns sinais, que chamamos de “letras”, são descendentes em última instância dos fundadores egípcios antigos.

Por muitos séculos, gregos, etruscos e romanos escreveram em pedra, folhas, casacas de árvores, linho, argila e cerâmica, em paredes, metais preciosos, chumbo, bronze, madeira e às vezes peles de animais. O pergaminho é o nome dado a uma pele de animal, geralmente cabra, carneiro, cordeiro ou ovelha, que passa por um processo para receber a escrita. Este material era para escritas importantes, documentos e textos considerados históricos e foi usado para substituir o papiro que estava caindo em desuso, pois as plantas que eram

utilizadas na sua fabricação estavam diminuindo em número com o tempo. Com a matéria escassa, e apesar do pergaminho ser mais trabalhoso para ser fabricado, ele foi sendo bastante utilizado pela sua durabilidade.

**Figura 4:** Fragmentos de papiro com linhas da Odisseia de Homero, c. 285-250 a.c., encontrado no Egito.



Fonte: LYONS, 2011, p. 27

**Figura 5:** Exemplar da Torá, escrito no fim do século XII e início do século XIII, encontrado na Itália.



Fonte: [www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com) (Foto: Universidade de Bolonha/ AFP)

### 1.3 A escrita alfabética

Durante muitos séculos, os povos antigos não conheceram uma forma precisa para registrar por escrito as palavras faladas, criando diversos sistemas de escritas baseados principalmente em ideografias, sendo suas ideias representadas por imagens. Podemos observar na escrita cuneiforme e na escrita hieroglífica o início do uso de sinais com valor fonético. Segundo Higounet (2003), surgiu gradualmente o quadro de uma forma prototípica de escrita alfabética, a norte-semítica, formada por vinte e dois símbolos escritos uniformemente da direita para esquerda.

Foram três as regiões que conquistaram uma grande importância no desenvolvimento do alfabeto no fim do segundo milênio a. C., Israel, Fenícia e Aram. O fortalecimento dessas regiões, ajudado pela eliminação temporária do domínio estrangeiro, favoreceu a expansão da nova e revolucionária forma de escrita que, tanto quanto hoje se sabe, foi inventada em solo da Síria ou da Palestina. (QUEIROZ, 2005.)

A decomposição da frase em seus elementos, a palavra, foi de fundamental importância para o surgimento da escrita como ela é entendida atualmente. Da notação das

palavras, o homem enfim passou à notação dos sons, chegando as escritas fonéticas. O alfabeto grego, desenvolvido nos séculos VI e VII a. C., representava os sons da voz humana. Embora os gregos tenham recebido o crédito por sua inovação, seu alfabeto fonético não era o único, eles fizeram alguns empréstimos do alfabeto fenício, que usava símbolos para representar sons. (FISCHER, 2009).

O alfabeto é um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem. A palavra tem origem do latim *alphabetum*, formado com os nomes das duas primeiras letras do alfabeto grego, *alpha* e *beta*, que foram emprestadas das línguas semíticas. (HIGOUNET, 2003, p.59). O alfabeto grego é primordial na história de nossa escrita e da civilização, além de transmitir a mensagem de um pensamento incomparável, o alfabeto grego foi também intermediário ocidental entre o alfabeto semítico e o alfabeto latino, pois foram os gregos os primeiros a ter a ideia da notação integral e estrita das vogais. Usando consoantes e vogais juntos, foram dessa forma, reproduzindo a fala mais fielmente do que qualquer sistema inventado antes ou depois.

Em seu começo, o alfabeto grego tinha um catálogo bastante completo, mas a sua escrita ainda continuava sendo um processo muito primitivo. Por muitos séculos, não havia ortografia grega padronizada, distinção entre maiúsculas e minúsculas, nem uso de pontuação e separação das palavras e cada região seguia as convenções locais. As mais antigas inscrições gregas estão escritas à moda semita da direita para esquerda, foi por volta do século IV a. C., que a maioria dos escribas preferiram escrever para a direita em linhas sucessivas.

Segundo Fischer (2009), foi devido a influência militar, econômica e cultural da Grécia, exercida por Alexandre, o Grande, que o alfabeto grego se tornou o modelo para alfabetos completos que surgiram na Europa nos anos seguintes e que até hoje, dois mil anos mais tarde, continua vivo.

**Figura 6:** O alfabeto consonantal fenício tomado de empréstimo pelos gregos, com cada letra sendo representada por apenas uma de muitas variantes possíveis.

Fenícia c.1000-900 a.C.	Creta c.750 a.C.	Atenas c.700 a.C.	Jônia c.400 a.C.	NOME/VALOR
Ⲁ 'ālep/ʔ/	Α	Ⲁ	Α	alpha/a, ā/
ⲁ bēt/b/	Β	[none]	Β	bēta/b/
Ⲃ gīmel/g/	Γ	[none]	Γ	gamma/g/
ⲃ dālet/d/	Δ	[none]	Δ	delta/d/
Ⲅ hē/h/	Ⲅ	Ⲅ	Ε	epsilon/ε/
ⲅ wāw/w/	Ϝ	[none]	[none]	(digamma/w/)
Ⲇ zayin/z/	Ζ	Ζ	Ζ	zēta/z/
ⲇ ḥēt/h/	Ⲉ	Ⲉ	Η	ēta/ē/
Ⲉ tēt/ṭ/	ⲉ	[none]	Θ	thēta/ṭh/
ⲉ yōd/y/	Ⲋ	Ⲋ	Ι	iōta/i, ī/
Ⲇ kāp/k/	ⲋ	ⲋ	Κ	kappa/k/
Ⲍ lāmed/l/	Ⲍ	Ⲍ	Λ	lambda/l/
ⲍ mēm/m/	ⲍ	ⲍ	Μ	mu/m/
Ⲏ nūn/n/	Ⲏ	Ⲏ	Ν	nu/n/
ⲏ ṣāmek/ṣ/	[none]	[none]	Ξ	xi/ks/
Ⲑ 'ayin/ʕ/	Ⲑ	Ⲑ	Ο	omikron/o/
ⲑ pē/p/	ⲑ	ⲑ	Π	pi/p/
Ⲓ çādē/s <sup>o</sup> /	Ⲓ	[none]	[none]	(san/s/)
ⲓ qōp/k <sup>o</sup> /	ⲓ	[none]	[none]	(qoppa/k/)
Ⲕ rēš/t/	Ⲕ	Ⲕ	Ρ	rhō/t/
ⲕ šīn/š, š/	[none]	ⲕ	Σ	sigma/s/
Ⲍ tāw/t/	Ⲍ	Ⲍ	Τ	tau/t/
	ⲍ	ⲍ	Υ	upsilon/y, ŷ/
			Φ	phi/p <sup>h</sup> /
		Ⲙ	Χ	chi/k <sup>h</sup> /
			Ψ	psi/p <sup>s</sup> /
			Ω	ōmega/ō/

Fonte: FISCHER, 2009 p. 46

#### 1.4 A leitura em voz alta

A prática da leitura, desde o surgimento do alfabeto, está fortemente relacionada à emissão sonora do texto, o qual deveria passar pela boca para ser compreendido, por isso a “leitura em voz alta” se instituiu como técnica desde a sua origem. Outros fatores também contribuíam para uma leitura coletiva e em voz alta, como a dificuldade de acesso aos livros, que era um objeto raro e precioso que reuniam somente textos importantes, que naquela época eram os textos sagrados, de caráter religioso. Estes textos deveriam inicialmente

serem vocalizados, memorizados e depois serem compreendidos. O leitor passava por um período longo de ruminação até chegar a compreensão. Pouco importava se esse entendimento do texto se daria imediatamente ou mais tarde, o que interessava era saber armazenar na memória os textos lidos.

Com essa perspectiva de leitura, o aprendizado do ato de ler é baseado no aprendizado de transformar signos escritos em signos orais, memorizar a forma oral obtida, repetir inúmeras vezes o texto para chegar no seu significado. Trata-se de transformar cada elemento da escrita em elemento oral, da esquerda para a direita e na ordem, sendo esse processo conhecido como decifração. Nessa concepção, para se ter uma boa leitura é preciso saber decifrar bem, sendo que a compreensão aqui não é entendida como parte do ato de ler, ela ocorre apenas depois de um longo trabalho de transposição dos signos escritos em signos orais.

Associado a essa vocalização ruminante que ajudaria a extrair o sentido do texto, a leitura em voz alta trazia a função social, de comunicar oralmente um texto escrito para uma pessoa que não sabia ler, ou não podia mais fazê-lo. Até o final do século XVIII, a leitura era uma atividade realizada na escuta de livros lidos no ambiente familiar e, nas sociedades não alfabetizadas, o texto era transmitido pela mediação de um leitor público. Muitos autores defenderam o exercício de leitura em voz alta. Segundo Legouvé (apud BAJARD, 2014, p. 39) “a leitura nos proporcionaria um poder de análise que a leitura muda nunca conhece” e propõe um *Pequeno tratado de leitura em voz alta para uso das escolas públicas*, editado em 1882, por Jules Ferry. Assim, o professor ficaria encarregado de promover o gosto pela leitura, tanto no espaço da sala de aula como em lugares públicos, seu dever seria transmitir para todos, com sua habilidade de ler “em voz alta”, o amor aos livros.

O procedimento usado para a aprendizagem é primeiramente a decifração, que transforma signos em sons, seguido da leitura corrente, para chegar finalmente na leitura expressiva, com a qual o aprendiz compreende o que lê, porque transpareceria na sua dicção, sua compreensão do texto lido. Segundo Bajard (2014, p.42),

Essa representação da leitura tem a vantagem de ser coerente com a visão de uma aprendizagem em três etapas: a emissão sonora inicialmente mecânica (decifração), se impregna pouco a pouco de sentido ao longo de suas inúmeras retomadas (leitura corrente), para dar acesso à verdadeira leitura (leitura expressiva).

## 1.5 A leitura silenciosa

Com o passar do tempo, uma sequência de transformações modificou os comportamentos do leitor e as causas que justificavam a “leitura em voz alta”, como a invenção do “Codex”, que ocorreu na Grécia, era uma nova forma de apresentação da escrita, no qual as folhas eram costuradas entre si pela borda. Já no final da Idade Média, a imprensa foi uma outra tecnologia de extrema importância para a difusão dos livros, sendo o conteúdo de cada página gravado em blocos de madeira, mergulhado em tinta e pressionado sobre o papel, produzindo várias cópias.

A invenção da máquina de impressão, pelo alemão Johannes Gutenberg, no século XV, provocou uma enorme revolução na modernidade, pois acelerou a produção dos livros e facilitou o acesso a este. A Bíblia, que foi o primeiro livro impresso, se disseminou como consequência da Reforma, tendo os seus seguidores protestantes o princípio de liberdade da interpretação individual do texto sagrado.

A leitura silenciosa começa assim a encontrar seu espaço, ao iniciar um movimento de encontro individual do leitor com texto. Os filósofos, durante o Século das Luzes, também reivindicaram a liberdade individual e questionaram a intenção da Igreja de controlar as consciências. Esse movimento foi de fundamental importância para a mudança da relação do indivíduo com o livro. No entanto, a leitura silenciosa era uma atividade ainda muito atacada, pois era considerada uma prática amena ou apenas de caráter informativo e superficial, diferente da “leitura em voz alta”, lenta e partilhada, tida como uma leitura de caráter profundo.

As duas modalidades de leitura começaram aos poucos a conviverem em paralelo, sendo que para alguns a leitura silenciosa é tida como uma leitura oralizada que já estaria completamente dominada e que já pode ser silenciada e interiorizada. Enquanto que para outros a leitura silenciosa é uma atividade que precede a leitura em voz alta, sendo uma atividade processadora de sentido sem a necessidade de emissão sonora.

A história da “leitura em voz alta”, segundo Bajard (2014, p. 58), pode ser compreendida como a história de um deslocamento, no qual a ênfase, antes colocada no encontro com o texto, se desloca para o encontro entre as pessoas envolvidas na comunicação e o foco deixa de residir na apropriação do texto e passa a se situar na singularidade de uma comunicação imediata entre uma pessoa que dá voz a um texto e outra que ao escutá-lo, consegue enxergá-lo.

## 1.6 A escrita

O homem por sua natureza é um ser que fala, um processo natural no seu desenvolvimento, adquirida em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e nos diálogos que se estabelecem desde o primeiro contato da mãe com seu bebê. Entretanto, a escrita não ocorre desta forma, ela não é intrínseca a natureza do homem, mas foi criada por ele e hoje permeia todas as práticas sociais e sendo uma sociedade letrada como a nossa, a criança encontra-se muito cedo com a escrita.

Segundo Vygotsky (1988) a escrita não está separada do linguagem, ela é constituída por um sistema de símbolos e signos, no qual a criança atribui significado, que determinam os sons e as palavras da linguagem oral. Assim nas relações que a criança estabelecesse com a linguagem escrita por meio das experiências vividas é que a criança vai construindo para si um conceito de escrita. Conforme Leontiev (1978, p. 34),

o sentido consciente, psicologicamente concreto, é criado pela relação objetiva, que se reflete na mente do sujeito, daquilo que o impulsiona a agir com aquilo para o que está orientada sua ação como resultado imediato desta. Em outras palavras, o sentido expressa a relação do motivo da atividade com a finalidade imediata da ação.

As crianças se apropriam dos instrumentos culturais criados pelos seres humanos ao longo da história, entre eles a escrita, a medida que dão função a eles, como registrar vivências, expressar sentimentos e emoções e comunicar-se sobre fatos e acontecimentos. Deste modo, o ensino da escrita nas escolas deve ocorrer dentro de um contexto significativo para os alunos, deixando de lado práticas de cópias de textos alheios a seus interesses ou de treino motor de letras e sílabas. Segundo Vygotsky (1988), a escrita é uma atividade cultural complexa que aparece regulada por um sistema específico de motivação, sendo matéria de apropriação do próprio processo de ensino-aprendizagem, isto é, não se encontra nas condições “maturativas” de partida, mas se formam no próprio processo de aprendizagem.

## CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Toda pesquisa necessita de um método como percurso e direcionamento, entretanto, como afirma Lakatos (2010), a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos. Segundo o autor,

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (LAKATOS, 2002, p.66)

O pesquisador, para alcançar seus objetivos, de forma científica, precisa percorrer etapas que vão dando forma e veracidade ao seu trabalho. Toda pesquisa inicia-se com o descobrimento do problema, seguido de sua delimitação. Nesta pesquisa as dificuldades enfrentadas pelas crianças em fase de alfabetização mobilizaram-me a pensar sobre os processos de escrita ao longo da história da humanidade e a sua contribuição no processo de alfabetização como prática sócio-histórica-cultural, na qual a criança está inserida.

Depois de estabelecido essa etapa, o pesquisador parte a procura de conhecimentos ou instrumentos relevantes ao problema. Nessa fase, foi realizada uma pesquisa bibliográfica da história da escrita, dos sistemas de escritas criados pelos diversos povos, assim como os suportes onde eram realizadas estas escritas, até chegar na escrita alfabética. Realizada a pesquisa bibliográfica, sucedeu-se a elaboração da hipótese de que as crianças em fase de alfabetização quando conhecem a história da escrita, assim como a escrita alfabética foi criada e qual o seu objetivo e importância na nossa sociedade, elas se apropriam de maneira mais consciente e, portanto, eficiente dessa tecnologia.

Em seguida foram feitas entrevistas com os alunos para verificar seus conhecimentos prévios sobre o assunto em questão. Na sequência foram elaboradas e aplicadas oficinas que tinham o objetivo de apresentar em ordem cronológica as formas de escritas e seus diferentes suportes utilizados ao longo da história. No final de todas as oficinas foram realizadas novas entrevistas para avaliar os resultados obtidos com as intervenções.

No decorrer deste capítulo tem-se a descrição das características gerais da pesquisa em questão, seguida pela descrição e caracterização do objeto de estudo e da instituição na qual a pesquisa foi realizada, seguido pela descrição dos instrumentos utilizados e, por fim, apresenta-se o plano de intervenção desenvolvido na pesquisa.

## 2.1 Características gerais do estudo

Trata-se de uma abordagem qualitativa, que se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão da dinâmica das relações sociais. O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos ou locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível (CHIZZOTTI, 2008).

Nesta investigação optou-se pelo estudo de caso, bastante utilizado nas ciências sociais. Segundo Yin (2010) o estudo de caso é um método de pesquisa usado em muitas situações, para contribuir com o nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionais. Essa metodologia é utilizada quando se deseja entender um fenômeno da vida real, entretanto é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes. Busca reunir os dados relevantes sobre o objeto de estudo, alcançando um conhecimento mais amplo sobre esse objeto, dissipando dúvidas, esclarecendo questões pertinentes, e principalmente, instruindo ações futuras (CHIZZOTTI, 2008).

O estudo de caso pode ser classificado de várias maneiras, entretanto este trabalho seguiu a linha de pesquisa de estudo de caso do tipo etnográfico educacional, que segundo André (2005, p. 23) é uma adaptação da etnografia ao estudo de um caso na área da educação. A etnografia pesquisa a cultura de um grupo, busca realizar uma descrição cultural, entretanto, no caso dos estudiosos da educação a preocupação é com o processo educativo. Conforme esclarece a autora, trata-se de uma mudança de foco:

Se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagem, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo. Existe, pois, uma diferença de enfoque nessas duas áreas, o que faz com que certos requisitos da etnografia não sejam – nem necessitem ser – cumpridos pelos investigadores das questões educacionais. (ANDRÉ, 1995, p. 28).

O estudo de caso do tipo etnográfico caracteriza-se pela busca em descrever e reconstruir os fenômenos e espaços observados, que enfatizam a análise dos processos, que se preocupam com os significados atribuídos pelos sujeitos durante as atividades da pesquisa e que trabalham com um planejamento flexível por reconhecerem a possibilidade de novas descobertas. Estas características metodológicas descrevem a presente pesquisa.

Segundo Yin (*apud* ANDRÉ, 2005, p. 30), o pesquisador deve dar preferência pelo

estudo de caso como estratégia de pesquisa quando (1) as perguntas da pesquisa forem do tipo “como” e “por que”; (2) quando o pesquisador tiver pouco controle sobre aquilo que acontece ou que pode acontecer; e (3) quando o foco de interesse for um fenômeno contemporâneo que esteja ocorrendo numa situação de vida real.

De acordo com André (1995), a pesquisa de tipo etnográfico em educação recorre a observação participante, entrevista para esclarecer os fatos observados e análise de documentos para completar a investigação. A fase exploratória é o momento de definir o caso, de elaborar as questões iniciais para entrar em campo, localizar os participantes e estabelecer os procedimentos e instrumentos de coleta de dados. A esse respeito a autora explica que:

O estudo de caso começa com um plano muito incipiente, que vai se delimitando mais claramente à medida que o estudo avança. A pesquisa tem como ponto inicial uma problemática, que pode ser traduzida em uma série de questões, em pontos críticos ou em hipóteses provisórias. A problemática pode ter origem na literatura relacionada ao tema, ou pode ser uma indagação decorrente da prática profissional do pesquisador, ou pode dar continuidade a pesquisas anteriores, ou ainda pode nascer de uma demanda externa, como a pesquisa avaliativa. (ANDRÉ, 2005, p. 48).

Depois da fase exploratória o pesquisador parte para a coleta de dados, utilizando de diversos instrumentos. Em relação à coleta de dados, Stake (*apud* ANDRÉ, 2005, p. 51) o pesquisador que objetiva revelar os significados atribuídos pelos participantes a uma dada situação, a entrevista se impõe como uma das vias principais. A observação segundo a autora, direciona o pesquisador para a compreensão do acaso e é necessário um registro apurado para uma descrição sem ausências. A fase final do estudo de caso é a de análise sistemática dos dados e de elaboração do relatório. Esta se dá quando a coleta de dados já está praticamente concluída e o pesquisador deve transmitir de maneira clara e bem articulada o caso em questão.

## **2.2 Caracterização da escola**

A instituição em que a pesquisa foi realizada pertence a rede privada de ensino e está situada em um bairro na zona norte de Uberlândia MG, com aproximadamente 20.724 habitantes. O bairro possui vias pavimentadas e é servido pelo sistema integrado de transporte coletivo da cidade e conta com uma infraestrutura diversificada, como posto de saúde, escola municipal de educação infantil.

A escola em questão iniciou suas atividades letivas em 2017, disponibilizando vagas desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II. A instituição também oferece

ensino integral. Ocupa uma extensa área, com muito espaço verde e ambiente arejado, com horta e uma mini fazendinha com galinhas, coelhos e cabras. Trata-se, portanto, de uma instituição com uma infraestrutura muito adequada. Possui 7 salas de aula, 52 funcionários, laboratório de ciências, quadra de esporte coberta, cozinha, biblioteca, sala de leitura, parque infantil, auditório e refeitório.

O material didático utilizado pela escola é apostilado e os alunos contam com diversas aulas especializadas, entre elas, inglês, capoeira, yoga, educação ambiental, educação física e artes e robótica.

### **2.2.1 Sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos participantes desta pesquisa compunham uma turma de 30 crianças na faixa etária entre 6 e 7 anos de idade, alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I, sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Assim como a maioria das crianças matriculadas na escola, as crianças participantes da pesquisa ou moravam no mesmo bairro da escola ou nas imediações, em bairros vizinhos.

Nas conversas iniciais que realizei com a diretora e com a professora da turma pesquisada, ambas relataram se tratar de um grupo agitado, por ser uma sala formada por muitos alunos. Constatei nos primeiros encontros que a sala de aula era pequena para a quantidade de alunos, contribuindo para a agitação deles e para a dificuldade em manter a atenção da turma. Apesar dessas características do grupo, fui muito bem recebida por eles, sempre com muito carinho e alegria.

O grupo, como relatado pela diretora, é um grupo heterogêneo em relação as habilidades de leitura e escrita, pelo fato de alguns alunos terem ingressado na escola naquele mesmo ano e ainda não terem conseguido acompanhar os alunos que já estudavam na escola a mais tempo. Apesar de o grupo não se encontrar no mesmo nível de escrita e leitura, todos estavam alfabetizados, portanto, encontravam-se em condição de realizar as atividades propostas nesta pesquisa.

Na conversa inicial com o grupo, pode-se constatar que eles nunca haviam estudado sobre a história da escrita, como também não haviam refletido sobre as motivações que levaram o homem a inventar a escrita e as suas funções, assim como as transformações que a escrita em seus diferentes suportes produziram na sociedade, demonstrando grande curiosidade sobre o tema, quando apresentado pela pesquisadora.

## **2.3 Instrumentos utilizados**

Compreende-se por instrumento de pesquisa a técnica de coleta de dados com a finalidade de obter informações, para que sejam examinados posteriormente. Segundo Gil (1946, p. 119) os estudos de caso requerem a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados, sendo imprescindível para garantir a profundidade necessária ao estudo e a inserção do caso em seu contexto, bem como para conferir maior credibilidade aos resultados. Nesta pesquisa, escolheu-se trabalhar com a observação, a entrevista e um plano de intervenção para a geração dos dados.

### **2.3.1 Observação**

A observação é o elemento básico de investigação científica e o ponto de partida na investigação social, estabelecendo ao pesquisador um contato mais direto com a realidade. A observação é uma técnica de coleta de dados para obter informações, na qual utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (LAKATOS 2010). A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não tem consciência, mas que orientam seu comportamento.

Na referida sala de aula em que foi realizado o plano de intervenção, a observação foi feita entre os dias 23 de abril de 2019 a 05 de maio de 2019 durante as oficinas que foram realizadas semanalmente com o grupo, como também nas entrevistas que foram realizadas no início e no final da pesquisa. A observação se fez importante durante a aplicação do plano de intervenção, pois forneceu informações ao pesquisador da maneira que os alunos interagem com as oficinas, as questões que eles levantavam sobre os materiais e a temática levantada pelo pesquisador, assim como os relatos que surgiam ao longo dos encontros em relação a escrita e seus suportes. Todos estes dados observados foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

### **2.3.2 Entrevista**

A entrevista é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou tratamento de um problema social. Trata-se de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária (LAKATOS 2010). Há diferentes tipos de entrevista, que variam de acordo com o propósito do entrevistador; neste trabalho a entrevista estruturada foi utilizada, na qual a entrevista segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas e é efetuada com pessoas selecionadas de acordo com um plano. A padronização das questões é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo “que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas” (LODI, 1976, p.16).

Nesta pesquisa foram realizadas duas entrevistas uma antes do plano de intervenção ser executado e outra no final das oficinas. A escolha dos alunos entrevistados seguiu o critério escolhido pela diretora da escola, a saber, um aluno “forte”, um aluno “mediano” e um aluno “fraco”. A pesquisadora foi apresentada pela turma e em seguida a diretora falou que alguns alunos seriam convidados para uma rápida conversa com a mesma. Todos os alunos manifestaram vontade de participar e os que foram selecionados chegaram um pouco tímidos, mas com curiosidade sobre o trabalho que seria desenvolvido com eles. As perguntas realizadas nestas entrevistas foram as mesmas no primeiro e no último encontro, assim como os alunos foram os mesmos. As perguntas buscaram investigar o conhecimento do aluno acerca da escrita e de como ela surgiu (Apêndice A).

### **2.3.3 Plano de intervenção**

Compreende-se por plano de intervenção, uma proposta de ação construída a partir da identificação de um problema ou de uma necessidade. A palavra plano remete a uma ação futura, sustentada por objetivos a serem alcançados, já a palavra intervenção implica uma ação objetiva, um fazer concreto dentro de uma realidade.

O plano de intervenção dessa pesquisa foi pensado a partir da elaboração de oficinas, com o objetivo de apresentar em ordem cronológica a invenção da escrita por diferentes povos, como também os diferentes suportes utilizados no registro do escrito. Foram realizadas 7 oficinas no total, durante o período que se compreendeu entre os dias 23

de abril a 05 de maio de 2019. As oficinas ocorreram uma vez na semana, conforme as aulas eram disponibilizadas pela professora regente da turma.

As oficinas são espaços de aprendizagem abertos e dinâmicos, que possibilita uma inovação, troca de experiências e a construção de conhecimentos. O estudo de um tema em oficinas pedagógicas permite a comparação entre as experiências diversificadas, o que propicia uma abordagem reflexiva dos desafios enfrentados pelos alunos. Segundo Anastasiou e Alves (2004, p. 95):

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva.

É importante ressaltar que há vários modos de ministrar uma oficina, sendo necessário atentar-se ao planejamento da tarefa ou atividade a ser realizada, pois assim como as demais estratégias de ensino, a oficina deve ser uma atividade com um objetivo bem definido, embora possua como característica um planejamento mutável. Deve-se ressaltar que as oficinas pedagógicas possuem como foco uma ação consciente, ou seja, sua principal ferramenta é a atividade prática (PAVIANI; FONTANA; 2009). As oficinas dessa pesquisa foram pensadas a partir de uma base teórica e na sequência elaboradas com atividades práticas nas quais os alunos puderam vivenciar, dentro do contexto de sala de aula, as diferentes formas de escrita e seus suportes.

### **2.3.4 Quadro de oficinas**

Conforme descrito acima, seguem os quadros que apresentam os objetivos de cada oficina realizada nesta pesquisa, assim como os procedimentos e os materiais utilizados na sua realização.

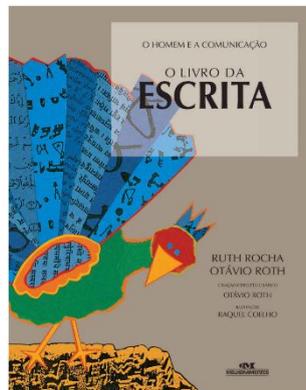
Durantes as oficinas, a pesquisadora optou por trabalhar com a exposição de figuras impressas, devido a praticidade e pela falta de tempo que dispunha para trabalhar com PowerPoint. As figuras são representações dos conteúdos que estavam sendo trabalhados em cada oficina e eram apresentadas no início das oficinas e disponibilizadas para os alunos manusearem.

**Quadro 1** – 1ª Oficina – Roda de Leitura

Objetivos	Procedimentos e materiais
<ul style="list-style-type: none"><li>• Despertar nas crianças a curiosidade e a reflexão sobre a história da escrita;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação do projeto e suas etapas para as crianças;</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentar a evolução que a escrita passou até chegar na forma que a concebemos hoje.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Roda de leitura “O livro da escrita” de Ruth Rocha, Editora Melhoramentos, 2009.</li></ul>

Fonte: Autora 2019

**Figura 7:** Livro utilizado para a roda de leitura



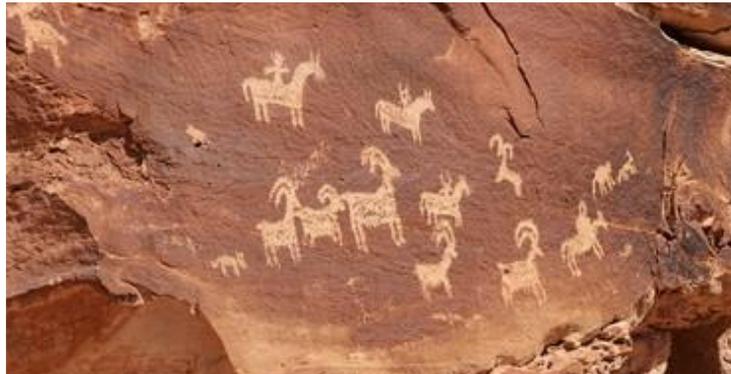
Fonte: Ruth Rocha (2009)

**Quadro 2** – 2ª Oficina – Arte na Caverna

Objetivos	Procedimentos e materiais
<ul style="list-style-type: none"><li>• Demonstrar a evolução da escrita pictográfica para a escrita ideográfica.</li><li>• Vivenciar com as crianças o modo como nossos ancestrais tinham para se comunicar e registrar acontecimentos;</li><li>• Inteirar-se da necessidade que o homem sentia de comunicar-se.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Breve recordação com os alunos da parte da história da escrita que será trabalhada nesta oficina;</li><li>• Apresentação da oficina aos alunos;</li><li>• Demonstração de imagens de arte rupestre, da escrita pictográfica e da escrita ideográfica;</li><li>• Cada criança terá a oportunidade de realizar um desenho;</li><li>• Caverna artificial confeccionada com papel Kraft e carvão.</li></ul>

Fonte: Autora 2019

**Figura 8:** A Arte Rupestre em rocha nos EUA



Fonte: [www.infoescola.com/artes/arte-rupestre](http://www.infoescola.com/artes/arte-rupestre)

**Figura 9:** A Arte Rupestre na caverna de Lascaux



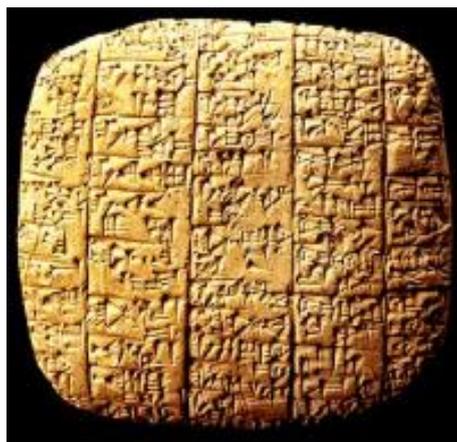
Fonte: [www.infoescola.com/artes/arte-rupestre](http://www.infoescola.com/artes/arte-rupestre)

**Quadro 3 – 3ª Oficina – Argila**

Objetivos	Procedimentos e materiais
<ul style="list-style-type: none"><li>• Experimentar na prática como era o processo da escrita cuneiforme, desenvolvida pelos babilônios;</li><li>• Observar os materiais utilizados como suporte para escrita;</li><li>• Analisar a necessidade de usar linhas retas e não linhas curvas, no material utilizado neste processo desenvolvido pelos babilônios como forma de registro.</li><li>• Verificar como essa forma de registro era frágil;</li><li>• Avaliar os pontos positivo e negativos desta forma de registro;</li><li>• Compreender a função dessa escrita para os povos que a desenvolveram.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Breve recordação com os alunos da parte da história da escrita que será trabalhada na oficina;</li><li>• Apresentação da oficina aos alunos;</li><li>• Imagens de tabuletas;</li><li>• Argila;</li><li>• Bandeja de isopor;</li><li>• Palito de madeira com ponta reta.</li></ul>

Fonte: Autora 2019

**Figura 10:** Tabuletas com escrita cuneiforme encontrada em Elba, Síria



Fonte: [http://www.tradwiki.net.br/Tabuletas\\_de\\_Ebla](http://www.tradwiki.net.br/Tabuletas_de_Ebla)

**Quadro 4 – 4ª Oficina – Papiro**

Objetivos	Procedimentos e materiais
<ul style="list-style-type: none"><li>• Vivenciar a escrita no papiro;</li><li>• Conhecer a escrita hieroglífica e como ela era realizada pelos egípcios;</li><li>• Entender o processo de produção do papiro;</li><li>• Informar-se sobre o que é cálamo e como ele era usado;</li><li>• Aprender a fazer tinta natural usando terra.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Breve recordação com os alunos da parte da história da escrita que será trabalhada na oficina, assim como as fases da escrita vivenciadas nas oficinas anteriores;</li><li>• Imagens da escrita hieroglífica;</li><li>• Imagem do cálamo</li><li>• Imagens da confecção do papiro;</li><li>• Imagem de um Papiro encontrado no Egito, 285-250 a.c.;</li><li>• Um papiro feito pela pesquisadora;</li><li>• Cálamo – (instrumento para a escrita manual, feito de um pedaço de cana ou junco, talhado obliquamente e afiado na extremidade, utilizado antigamente (e ainda hoje) para escrever sobre <u>papiros</u> e <u>pergaminhos</u>)</li><li>• Tinta natural.</li></ul>

Fonte: Autora 2019

**Figura 11:** Escrita hieroglífica na argila



Fonte: <http://trabegitoantigo.blogspot.com/2016/06/escrita-no-egito-antigo.html>

**Figura 12: Significado da escrita egípcia**



Fonte: <https://egiptoreal.webnode.com.pt>

**Figura 13: Cálamos**



Fonte: <http://calamoetinta.blogspot.com>

**Figura 14: Planta Papiro**



Fonte: <https://www.egipto.com.br/papiro>

**Figura 15: Como fazer o papiro**



Fonte: <https://umaviagemdagravuraaograffiti.blogspot.com/2017/04/papiro-o-precursor-do-papel.html>

**Figura 16:** Instrução de como fazer tinta natural com terra

**COMO FAZER TINTA COM TERRA**

1. Recolher em média 10 colheres de terra, verificando se o tom é o mesmo.
2. Despeje a terra sobre um jornal e esfale-a, desfazendo os caroços que se formaram.
3. Passe a terra já esfarelada numa peneira para retirar pedrinha, galinhos ou outras sujeiras.
4. Guarde o pigmento “limpo” num vidrinho com tampa.
  - Após a etapa da recolha e limpeza, forme grupos de trabalho, afinal cada aluno/a preparou um tom. Ao se agruparem, haverá um maior número de tons para serem compartilhados por todos.
  - Em grupo, é o momento de fazer a tinta. Para isso é preciso seguir a fórmula, escreva-a no quadro de giz: PIGMENTO + UM POUCO DE ÁGUA + COLA BRANCA = TINTA
  - Depois explique como preparar uma pequena quantidade de tinta, seguindo os passos abaixo:
    - Primeiro coloque uma colherzinha de pigmento num pratinho, em seguida acrescente água com um medidor (com cuidado).
    - Vai misturando até perceber que a terra junto com a água tomou consistência de maionese caseira (ou seja, nem aguada demais e nem dura, difícil de mexer com o pincel).
    - Em seguida, acrescente cola, mais ou menos, a metade da quantidade de tinta. Misture bem e está pronta a tinta.

Fonte: <http://portal.dop professor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26280>

**Quadro 5 – 5ª Oficina – Pergaminho**

Objetivos	Procedimentos e materiais
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o que é um pergaminho;</li> <li>• Compreender o processo de fabricação do pergaminho;</li> <li>• Perceber as diferenças do pergaminho e do papiro;</li> <li>• Interagir com diferentes formas de suporte da escrita;</li> <li>• Vivenciar a escrita no pergaminho;</li> <li>• Conhecer diferentes tipos de letras usada antigamente;</li> <li>• Experimentar a escrita com caneta tinteiro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Breve recordação com os alunos da parte da história da escrita que será trabalhada na oficina e as etapas já vivenciadas nas oficinas anteriores;</li> <li>• Folha de registro com os nomes de cada aluno escrito com a fonte Franch script e Algerian;</li> <li>• Pergaminho;</li> <li>• Caneta tinteiro;</li> <li>• Fac-símile de um manuscrito em pergaminho (1094) – <i>A narração dos milagres de Saint Foy de Conques</i>.</li> </ul>

Fonte: Autora 2019

**Quadro 6 – 6ª Oficina - Papel**

Objetivos	Procedimentos e materiais
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber a diferença da escrita no papel, em relação aos outros suportes utilizados anteriormente;</li> <li>• Conhecer como é feito a papel;</li> <li>• Compreender o caminho percorrido pelo homem até a invenção do papel;</li> <li>• Inteirar-se sobre a escrita alfabética e seu uso;</li> <li>• Informar-se sobre a origem da imprensa e o que isso significou para a humanidade;</li> <li>• Vivenciar a escrita na máquina de escrever.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Breve recordação com os alunos da parte da história da escrita que será trabalhada na oficina;</li> <li>• Contar para os alunos, brevemente, quem inventou o papel;</li> <li>• Contar a história da invenção da imprensa de Gutenberg e mostrar imagens;</li> <li>• Conversar com os alunos sobre a evolução da escrita e o surgimento da escrita alfabética;</li> <li>• Máquina de escrever <i>Olivette</i>;</li> <li>• Papel.</li> </ul>

**Figura 17: Imprensa de Gutenberg**



Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/o-misterioso-gutenberg/a-4243215>

**Figura 18: Tentativa de reconstrução da imprensa de Gutenberg**



Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/o-misterioso-gutenberg/a-4243215>

### **Quadro 7 – 7 Oficina - Tablet**

Objetivos	Procedimentos e materiais
<ul style="list-style-type: none"><li>• Refletir sobre a escrita digital e seu uso no dia-a-dia;</li><li>• Analisar as modificações dos suportes de escrita até o momento atual;</li><li>• Refletir sobre as facilidades da escrita digital;</li><li>• Compreender as diversas formas de escrita e seu uso social;</li><li>• Vivenciar a escrita com emoji.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Breve recordação com os alunos da parte da história da escrita que será trabalhada na oficina e o percurso que fizemos até o momento;</li><li>• Folha de registro com um tablete impresso;</li><li>• Figuras de emoji para recortar e colar.</li></ul>

Fonte: Autora 2019

Este capítulo se propôs a demonstrar o percurso metodológico realizado pela pesquisadora, como também apresentar didaticamente o plano de intervenção contendo as 7 oficinas realizadas na pesquisa. No próximo capítulo apresentaremos uma análise de cada momento vivido nas oficinas e suas implicações pedagógicas.

## **CAPÍTULO III – SURGIMENTO DA ESCRITA: UM POSSÍVEL PERCURSO DE APRENDIZAGEM**

Neste capítulo são apresentadas as análises das sete oficinas realizadas ao longo da pesquisa, assim como reflexões acerca das concepções do ensino da Língua Portuguesa, do papel que o professor desempenha como mediador no processo de alfabetização e da motivação dos alunos para aprendizagem da língua.

### **3.1 Roda de Leitura**

Neste primeiro momento do projeto, iniciamos com a apresentação da pesquisadora e do tema que seria tratado ao longo dos encontros. Finalizada as apresentações e explicações sobre nossos futuros encontros, demos início a contação de história baseada na obra *O livro da Escrita*, de Ruth Rocha.

A contação desta história teve o papel fundamental de trazer o aluno para dentro do contexto a ser trabalhado, de uma forma divertida, assim como uma possibilidade de levar os alunos a uma experiência positiva com a leitura, e não como uma atividade rotineira de ler um livro do começo ao fim, sem a participação ativa deles. Ao contar uma história conseguimos despertar a curiosidade, a imaginação e o interesse pela escrita e pela leitura, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores nesse processo. Pennac ressalta (1993, p. 124), sobre a importância de contar histórias: “[...] ler em voz alta não é suficiente, é preciso contar também, oferecer nossos tesouros, desembrulhá-los na praia ignorante. Escutem, escutem e vejam como é bom ouvir uma história.”

A técnica escolhida para a roda de leitura, nesta pesquisa, foi a da caixa surpresa, contendo alguns objetos que faziam referência a cada uma das fases da escrita mencionada no livro. Optou-se por esta técnica com a intenção de que os alunos ao verem um objeto concreto sendo relacionado a um período da história da escrita, eles conseguiriam relacionar, nos próximos encontros, o objeto mostrado ao período tratado nas oficinas. Os objetos foram levados em todos os encontros e os alunos sempre lembravam sobre qual parte da história aquele objeto se reportava, demonstrando assim que o objetivo da contação de história cumpriu seu objetivo.

A caixa utilizada foi uma bonita caixa de papelão, florida em tons pastéis. Para a escrita rupestre, feita em pedras nas cavernas, a pesquisadora levou uma pedra pintada a mão e um pedaço de carvão. A escrita cuneiforme foi apresentada através de um pequeno

vaso de barro com desenhos inscritos manualmente, na sequência foi apresentado um quadro feito há muitos anos atrás pelo marido da pesquisadora com a escrita do nome dele e do nome dela em hieróglifos. Para a escrita no pergaminho foi utilizado uma ovelha de brinquedo para representar o couro dos animais utilizados para a fabricação desse suporte. O papel foi representado pelo próprio livro que estava servindo de guia para a contação da história e o último suporte apresentado foi um celular para representar a escrita digital.

**Figura 19:** Caixa utilizada para contação de história



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 20:** Objetos utilizados na contação de história



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Os objetos foram sendo apresentados um a um conforme a história ia se desenvolvendo, e as crianças ficaram muito atentas e curiosas com tudo o que foi apresentado e contado para elas. Todos os objetos foram analisados pelos alunos e assim que a história terminou de ser contada a pesquisadora, ao finalizar a dinâmica, conversou

com eles quando seria o próximo encontro e qual seria o tema tratado.

No início da dinâmica houve algumas falas por parte dos alunos, indicando que não sabiam que a escrita era uma invenção da humanidade e que a mesma possuía uma história. Quando questionados pela pesquisadora sobre a origem da escrita, as manifestações foram as seguintes:

M: *Sempre existiu, do mesmo jeito que o homem.*

E: *Então, é do mesmo jeito que a gente fala, a gente escreve.*

E: *Eu acho que antes se escrevia diferente, porque não tinha computador, nem nada, só isso.*

Da mesma forma, quando questionados para que serve a escrita, qual a sua função, os alunos não souberam significar a escrita com uso social, de comunicação e registro da história da humanidade, ocorrendo apenas manifestações de sentido acadêmico.

E: *Para fazer prova.*

M. E: *Para copiar as coisas do quadro, no caderno.*

Em relação ao estudo da língua portuguesa, no Ensino Fundamental, Antunes (2003), aponta que no que se refere às atividades em torno da escrita, ainda se pode constatar, uma prática de escrita sem função, destituída de qualquer valor intencional, sem autoria e sem recepção, uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e mundo, entre o autor e o leitor do texto.

Trabalhar em sala de aula, com alunos no período de alfabetização, sobre a história da escrita, seria uma estratégia importante, na qual os alunos conheceriam os esforços que a humanidade realizou, assim como o tempo que levou para criar uma linguagem escrita, de uma maneira que todos compreendessem. Uma das funções da língua escrita é substituir a língua oral em circunstâncias nas quais esta última deixa de ser funcional, em razão da ausência de um interlocutor, sendo que a invenção do alfabeto reforçou essa substituição da língua oral pela língua escrita.

Pode-se observar, pela fala dos alunos, uma ausência de significação para a aprendizagem da língua escrita. Na visão dos alunos, devemos aprender a ler e escrever somente para estudar, para cumprir as exigências escolares, sendo que o sentido social da escrita, como uma forma de comunicação, de se fazer história, como uma forma de poder, de se ter voz, nunca foi analisado por eles durante o percurso da alfabetização.

### 3.2 Arte na caverna

Esta segunda oficina ocorreu no pátio da escola em uma caverna, previamente montada pela pesquisadora, com tubos de pvc, papel kraft e folhas de palmeiras. A atividade teve início na sala de aula, com uma breve recordação da história lida no último encontro, com a apresentação do carvão e da pedra utilizados na contação de história, assim como uma explicação sobre o que iríamos fazer nesta atividade.

**Figura 21:** Caverna construída com papel kraft



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 22:** Caverna com desenhos feitos pelos alunos



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Durante a explicação da Oficina conversamos sobre a maneira que os homens das cavernas viviam, as diferenças entre o mundo de hoje e daquela época e utilizando o recurso da imaginação, solicitamos aos alunos que se imaginassem vivendo naquela época, recordando a eles que ainda não existia a escrita como a conhecemos atualmente. Foram apresentadas também, imagens da arte rupestre, da escrita pictográfica e da escrita ideográfica.

Sob a premissa de que imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda a atividade humana, acreditamos na importância de se ampliar a experiência da criança, para que ela pudesse criar bases sólidas para sua atividade de criação e aprendizado. Para Vigotski (2018, p. 27) a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e desenvolvimento humano:

Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de uma pessoa porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando a experiência histórica ou social alheias com a ajuda da imaginação.

Na sequência, fomos para o pátio, onde cada aluno recebeu um pedaço de carvão para a realização do registro na caverna. Todos os alunos participaram com muito entusiasmo e dedicação.

**Figura 23:** Atividade de desenho na caverna



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Ao final da dinâmica retornamos à sala e fizemos bate papo sobre a experiência vivida. As falas dos alunos demonstram o papel fundamental da imaginação no processo de aprendizagem.

C: *Tia, me senti mesmo como se tivesse na caverna.*

B: *É mesmo! Até o calor tava igual.*

A: *Tia, eu achei muito difícil escrever com carvão.*

B: *É mais fácil com lápis.*

A: *E no papel. A pedra é cheia de coisinha.*

Podemos observar, que apesar da pesquisadora e os alunos terem conversado previamente sobre o modo de registro que os homens das cavernas faziam, alguns alunos utilizaram letras no seu registro. Quando questionados se eles já utilizavam e conheciam o recurso da língua escrita, os alunos compreendiam então a complexidade do registro somente com o uso do desenho e que sem a convenção da escrita alfabética não seria possível a expressão de ideias com maior precisão.

Nesta perspectiva, propiciar aos alunos um entendimento

de que o homem já representou seu pensamento por meio de símbolos traçados em paredes de cavernas, ou em blocos de argila, para quem vive imerso numa sociedade permeada de aparelhos celulares e computadores que possibilitam outras formas de escrita, oportunizam o pensamento sobre a trajetória histórica da qual esses sujeitos fazem parte e como estas transformações culturais foram criadas por nós e que as mesmas se encontram em permanente transformação pela ação humana. (ABREU, 2019, p. 95).

O conhecimento sobre a história da língua escrita foi importante para que os alunos percebessem que a escrita alfabética é uma produção humana, resultante de muitas modificações e adaptações. Segundo Vigotski (2019, p. 43) a existência de necessidades ou anseios põe em movimento o processo de imaginação, “[...] é sempre a necessidade do homem de se adaptar ao meio que o cerca. Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio com o mundo circundante, então, não haverá qualquer base para a emergência da criação”.

Portanto, o professor ao conhecer a importância da relação que a criança estabelece com a cultura para a sua apropriação, pode buscar para sua prática, recursos que levem o aluno ao desafio, a buscar uma maior reflexão sobre o mundo que o cerca.

### **3.3 Argila**

Nesta terceira oficina iniciamos com uma conversa sobre o encontro anterior, relembramos que naquele momento o homem ainda não havia desenvolvido outra forma de comunicação além do desenho e que faziam seu registro nas pedras, rochas e cavernas. Introduzimos assim a nossa atividade mostrando para os alunos o vaso de barro utilizado na

contação de história do nosso primeiro encontro e perguntado a eles se recordavam de que período o vaso fazia relação. Foram apresentadas na sequência, imagens de tabuletas com a escrita cuneiforme, assim como a explicação detalhada da nossa dinâmica de trabalho daquele momento.

Discorremos com os alunos que ao longo da história, o homem buscava novas maneiras de registro com as quais ele conseguisse anotar um maior número de informações e que esse registro fosse resistente ao tempo. Observamos que o registro na argila possibilitava ao homem levá-lo para diferentes lugares como também armazená-los. Porém por ser um objeto frágil poderia ser danificado com o tempo ou simplesmente quebrar. Conversamos sobre a escrita cuneiforme desenvolvida pelos babilônios, avaliamos as suas formas e relacionamos o seu nome com o uso de objetos em forma de cunha na realização dessa forma de registro.

Foi um momento muito enriquecedor, no qual os alunos demonstraram muita alegria e dedicação no desenvolvimento da atividade, buscando fazer de maneira bem próxima a escrita cuneiforme apresentada para eles no início da aula.

**Figura 24:** Atividade de escrita cuneiforme na argila



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Sabemos que a eficácia da aprendizagem depende do poder que os alunos detêm sobre suas atividades, que “elas aprendem dialogando, interagindo e se confrontando com os outros. As crianças constroem suas aprendizagens quando o que fazem, ou o que lhes é proposto, faz sentido para elas”. (JOLIBERT, 2015, p.16).

Podemos observar em algumas falas dos alunos a maneira como eles se envolveram na atividade.

C: Nossa! *Que difícil escrever assim Tia. Preciso fazer igualzinho do quadro?*(A

imagem estava fixada no quadro a pedido dos alunos)

P: *Nós podemos fazer isso de novo? Eu adorei!*

C: *Também gostei, mas é difícil.*

M: *É verdade. O palito não desliza.*

A: *E dá medo de quebrar a argila.*

Ao final da atividade muitos alunos pediram para levar a tabuleta para casa, mas a pesquisadora explicou que ela guardaria todas as tabuletas e que ao final de todas as oficinas haveria uma exposição para o colégio com todas as produções feitas por eles e que posterior a este momento eles levariam para casa.

Comprendemos, portanto, que toda atividade pedagógica de ensino do português perpassa uma determinada concepção de língua, sendo que a escolha das atividades desenvolvidas pelo professor em sala de aula será influenciada por um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos. Referente a prática docente, Antunes (2003, p. 40) ressalta que:

Não pode haver uma prática eficiente sem uma fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos. Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana.

Desta forma, o professor alfabetizador necessita buscar uma prática que reflita uma concepção mais ampla da linguagem, na qual a existência da língua escrita tenha como função promover a interação entre as pessoas, de modo funcional e contextualizada.

### **3.4 Papiro**

Esta quarta oficina teve início com a apresentação do quadro utilizado na contação de histórias no início da pesquisa, dando deste modo início a conversa sobre o período da história que iríamos tratar naquele momento. Observamos outras imagens da escrita hieroglífica, como ela era feita, quais os povos que a utilizavam e em que região ela teve origem. As imagens foram fixadas no quadro para que todos os alunos conseguissem visualizar.

Na sequência relatou-se para os alunos que o suporte mais utilizado neste tipo de escrita era o papiro, que era feito de uma planta com o mesmo nome. A pesquisadora perguntou aos alunos se eles conheciam essa planta e se sabiam qual outro tipo de suporte

para escrita era feito de planta. Alguns alunos relataram que o papel era derivado da árvore, assim como o lápis. Foram apresentadas as imagens do Papiro, um Rolo feito de papiro e as fotos do arquivo pessoal da pesquisadora fazendo o papiro para ser utilizado por eles na oficina.

Conversamos sobre as mudanças ocorridas nas formas de registro, na busca do homem por outras formas de suporte mais duradouros e fáceis de produzir e comparamos com a facilidade que temos hoje em escrever ou desenhar. Neste sentido, o ensino sobre o surgimento da escrita pode possibilitar as novas gerações, o acesso ao conhecimento histórico produzido pela humanidade, assim como levar os alunos a pensarem sobre o espaço que a escrita ocupa atualmente na nossa sociedade e os possíveis caminhos que ela percorrerá. “A escrita muda à medida que a humanidade se transforma. É uma dimensão da condição humana.” (FISCHER, 2009, p. 10).

Podemos observar nas falas dos alunos a importância de vivências práticas, que possibilitem a materialização das informações trazida pelo professor. Os alunos relataram durante a oficina sobre as dificuldades de produção do material para escrita, da beleza e da complexidade da escrita hieroglífica.

*B: Tia, como era difícil fazer isso!*

*B.P: Como será que eles descobriram que isso se transformaria nisso? (O aluno estava se referindo ao papiro ser utilizado para a escrita)*

*P: Tia, foi difícil fazer o papiro?*

*A: Eu não consigo desenhar desse jeito.*

*J: Mas é lindo!*

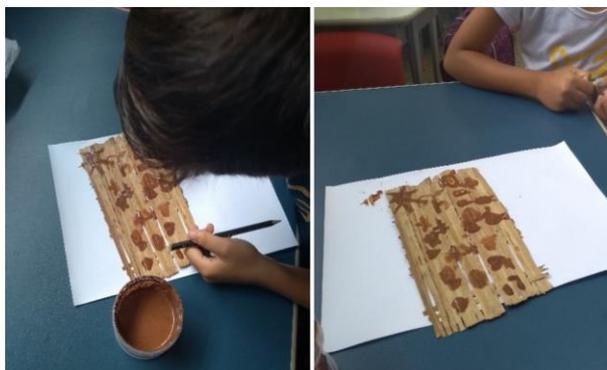
*B: Eu vou tentar.*

Compreendemos que é de fundamental importância que o aluno aprenda que o desenvolvimento da escrita foi um processo longo e demorado, que foi evoluindo junto com o homem, respondendo as suas necessidades. Da mesma maneira, os professores devem compreender que para os alunos no período de alfabetização “aprender a ler/escrever é um longo processo cognitivo e afetivo de elaboração de estratégias, de ativação de operações mentais e de construção de conhecimentos culturais e linguísticos”. (JOLIBERT 2015, p. 17).

Os alunos foram orientados a fazerem uma atividade de escrita usando hieroglíficos, com lápis de cor, e paralelamente a esta atividade a pesquisadora ia chamando os alunos individualmente para que eles escrevessem no papiro utilizando tinta natural. Cada aluno foi instruído para fazer apenas um desenho para que todos tivessem oportunidade de

experimentar como era escrever neste suporte.

**Figura 25:** Atividade de escrita no papiro



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Os relatos demonstram que a escrita no papiro foi difícil, mas que acharam a escrita hieroglífica muito interessante.

J: *Tia, eu adorei fazer essa atividade.* (Referindo-se a escrita hieroglífica)

J: *Só que achei difícil escrever no papiro, é meio crespo.*

J: *Eu também achei, mas gostei.*

Por meio dessa experiência, concordamos com Bernardin (2003) que ressalta que o termo pedagogia ativa não se refere apenas ao movimento, bastando que as crianças se mexam, “ela é antes de mais nada, o movimento do pensamento, a reflexão, a maneira de investigar a tarefa, as dimensões internas que escapam à observação sensível.” A criança aprende quando está mobilizada para isso, quando o objeto de conhecimento faz sentido para ela.

### 3.5 Pergaminho

A quinta oficina teve início com a apresentação da ovelha de brinquedo que foi utilizada na contação de história. Relembramos que a ovelha tinha sido escolhida para representar essa etapa da história devido ao uso do couro de animais como ovelhas e vacas, sendo esta a matéria prima na fabricação do pergaminho. Os alunos ficaram muito agitados perguntando sobre a dinâmica da oficina.

L: *Ô tia, nós não vamos matar uma ovelha, né?*

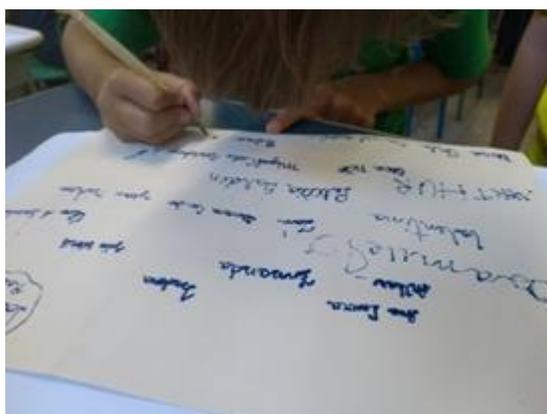
A: *Que horror! Eu não quero!*

P: *É claro que não vamos fazer isso gente!*

Após o esclarecimento das dúvidas em relação a dinâmica da oficina, a pesquisadora mostrou para eles o pergaminho e contou como ele é produzido. Mostrou o Fac-símile de um manuscrito em pergaminho, contando para eles que o original deste livro havia sido escrito em 1094 e que tinha sido adquirido pela orientadora da pesquisadora em uma viagem à Europa. Chamamos a atenção para os detalhes do livro que trazia marcas de furos e imperfeições do couro, para a capa de madeira talhada e para as letras desenhadas e a estrutura do texto.

Foram analisadas as diferenças entre o papiro e o pergaminho e comparado como o pergaminho era mais liso, durável e de fácil manuseio. Os alunos receberam uma atividade que continha seu nome escrito com a fonte *Franch script* e *Algerian* para reproduzirem uma escrita diferenciada que lembrasse a escrita da época do livro apresentado e paralelamente a esta atividade, os alunos eram chamados individualmente pela pesquisadora para escreverem seu nome no pergaminho com uma caneta tinteiro.

**Figura 26:** Atividade de escrita no pergaminho



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

O uso da caneta tinteiro despertou muito interesse pelos alunos, assim como demonstraram muito entusiasmo em escrever em um pergaminho.

B: *Gente, é muito legal usar essa caneta!*

G: *Eu achei difícil, parece que ela arranha.*

L: *É, mas é bem mais fácil do que escrever no papiro.*

G: *Verdade!*

T: *Eu deixei borrar tudo.*

Por meio destas experiências que envolveram a escrita com uma caneta tinteiro em um pergaminho, acredita-se que os alunos tiveram a possibilidade de refletir sobre as

mudanças que a escrita sofreu ao longo da história, mas mais importante ainda é levar os alunos a compreenderem o que a escrita fez e faz com as pessoas. Olson (1985) ao analisar os efeitos da escrita sobre as mudanças intelectuais e sociais diz que o importante é saber o que as pessoas fazem com a escrita. De acordo com o autor,

[...] a escrita não provoca a mudança social, a modernização ou a industrialização. Mas ser capaz de ler e escrever pode ser crucial para o desempenho de certos papéis em uma sociedade tradicional. A escrita é importante em termos da realização do que possibilita às pessoas: o alcance daquilo que objetivam ou a produção de novos objetivos. (OLSON, 1985, P. 14)

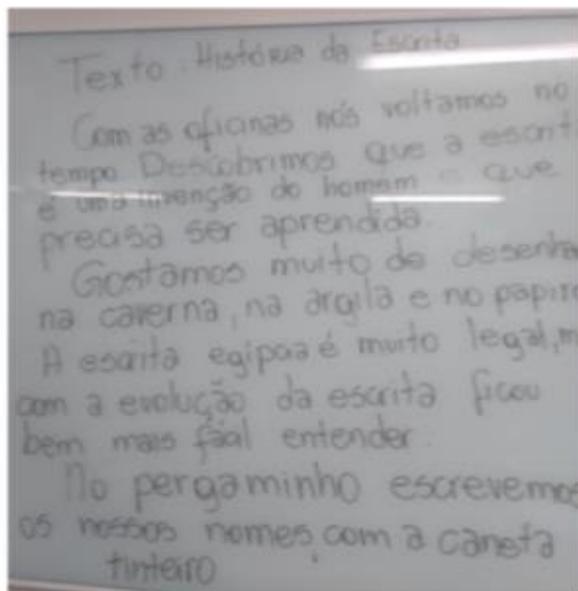
Nesse sentido, acentua-se a importância do papel do professor como mediador no processo de alfabetização de levar o aluno a compreender a escrita como uma ferramenta social, que será usada para alcançar seus objetivos pessoais, despertando desta maneira, um novo olhar para escrita, que não somente aquela de realização de tarefas escolares.

### **3.6 Papel**

Iniciamos esta oficina fazendo uma revisão de todas as etapas da escrita que havíamos percorrido e introduzimos o momento histórico que seria abordado nesta dinâmica. Conversamos sobre a fabricação do papel, a diferença entre ele, o pergaminho e o papiro, assim como a invenção da imprensa, sobre a Bíblia ter sido o primeiro livro a ser publicado e a revolução que estes acontecimentos provocaram na sociedade. Na sequência, foi mostrado para os alunos um tipo-móvel de Gutenberg usado naquela época para marcar as letras no papel produzindo um livro.

Após a introdução da oficina, propomos aos alunos escrevermos um texto coletivo no quadro sobre o que tínhamos conversado em nossos encontros e que depois reescreveríamos o mesmo usando o recurso de uma máquina de escrever *Olivette*. Todos os alunos ficaram muito animados com a ideia de usar uma máquina de escrever, sendo que a maioria nunca tinha visto ou utilizado uma.

**Figura 27:** Texto coletivo



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

**Figura 28:** Atividade na máquina de escrever



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Nos relatos a seguir podemos observar como foi a experiência.

G: *Tia, na casa do meu vô tem uma dessa.*

K: *Eu nunca tinha visto isso antes.*

F: *Eu também não.*

F: *Nem eu.*

A produção do texto coletivo demorou mais do que o esperado pela pesquisadora, ocupando todo o horário disponibilizado pela professora regente. Deste modo os alunos foram sendo chamados um a um, na aula seguinte, para escreverem na máquina. Como a tentativa de escrita do primeiro aluno demorou muito também, ficou decidido então que eles escolheriam apenas uma palavra para datilografarem.

Foi um momento de descoberta para os alunos, no qual muitos perguntaram como a máquina funcionava, como faziam para apagar o que erraram e pediram para o coordenador que observava a oficina, comprar uma máquina daquela para a escola.

Diante do entusiasmo apresentado durante esta experiência é importante ressaltar o papel do professor em mobilizar em seus alunos a vontade de aprender. Para Bernardin (2003) “quanto maior o envolvimento do aluno de maneira pertinente na atividade, mais este alimentará a necessidade”. Portanto, o aluno bem motivado buscará maneiras de superar suas dificuldades, ativamente, na realização de suas atividades, modificando não somente a sua imagem, mas também a sua relação com o mundo e com o meio.

A experiência da construção do texto coletivo com os alunos é uma metodologia muito rica, pois possibilita trabalhar processos psíquicos fundamentais que estão envolvidos na alfabetização, como as capacidades de antecipação, de planejamento e de distanciamento. Segundo Bernardin (2003) a criança ao escrever “é forçada a tomar consciência do seu processo de fala” e utilizar suas próprias habilidades no processo de escrita. Portanto, elaborar um texto escrito é uma tarefa que não se limita apenas em codificar ideias ou informações, através de sinais gráficos. A escrita não se inicia ao pegar o papel e o lápis, ela necessita de um planejamento anterior, passando pela escrita propriamente dita, até o momento posterior da revisão e reescrita.

### **3.7 Tela / Tablet**

Esta oficina começou com uma breve recordação das etapas que havíamos percorrido até o momento e foi questionado aos alunos se eles imaginavam qual seria o tipo de escrita que trabalharíamos naquela oficina. Os alunos recordaram que faltava ainda o celular, e assim demos continuidade ao debate sobre como a nossa sociedade tem usado o teclado para se comunicar e trabalhar. Através do relato dos alunos podemos observar a presença da tecnologia na rotina familiar.

*F: Tia, a minha mãe usa o computador o dia todo para trabalhar.*

*M: A minha usa o celular.*

*D: A minha também, tia.*

*R: Xiii, a minha irmã fica o dia inteirinho no celular.*

Em seguida, conversamos sobre as mudanças ocorridas no telefone celular, que foi inventado com o intuito de ser somente um telefone móvel, que permitisse apenas que as pessoas se comunicassem com as outras através da fala. Mas com o desenvolvimento

tecnológico, atualmente o celular se tornou um dispositivo no qual podemos acessar a internet, assistir televisão, ouvir música, mandar mensagens faladas ou escritas e também conversar com alguém na maneira tradicional.

Através do debate sobre a maneira que os familiares utilizavam o aparelho celular, chegou-se a conclusão de que a forma de comunicação mais utilizada pelos alunos e por seus familiares é o Whatsapp. Conversamos de que maneira era feita essa comunicação e os alunos relataram ser por meio da escrita, por áudio e por emojis. A pesquisadora lembrou com os alunos que no começo da história da escrita os homens também se comunicavam por desenho e que de uma certa forma estávamos nos comunicando por desenhos novamente. Partindo deste ponto de reflexão foi apresentada a proposta da última oficina da pesquisa, na qual cada aluno recebeu uma folha com um tablete impresso e vários emojis, sendo incentivados a escreverem uma mensagem para um colega ou familiar usando somente as figuras.

**Figura 29:** Atividade de escrita com emoji



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Partindo do princípio de que a linguagem existe somente para promover a interação entre as pessoas, é necessário que o professor alfabetizador, ao planejar a sua aula, busque

apresentar a Língua Portuguesa de forma contextualizada, produtiva e relevante. Portanto, o professor deve levar seus alunos à compreensão de que a escrita existe para cumprir uma função comunicativa. De acordo com Antunes (2003 p. 48)

[...] toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam. Pela escrita alguém informa, avisa, adverte, anuncia, descreve, explica, comenta, opina, argumenta, instrui, resume, documenta, faz literatura, organiza, registra e divulga o conhecimento produzido pelo grupo.

Nesta perspectiva, socialmente não existe uma escrita sem motivação, sem função e dependendo do contexto em que ela ocorre, a escrita pode ser realizada de diversas formas, conforme as diferentes funções que pretende cumprir. Sendo assim, buscar meios que levem os alunos a compreensão da função da escrita, da sua constante evolução e como meio de transmissão do conhecimento humano é papel do professor que trabalha com crianças que estão adentrando no mundo da leitura e da escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a busca por uma maior compreensão dos caminhos que as crianças se apropriam do mundo da escrita que levou a pesquisadora a realizar essa investigação. Para isso, esta pesquisa orientou-se pelo seguinte questionamento: o conhecimento da história da escrita pelos alunos no processo de alfabetização, contribui para um aprendizado mais significativo? A concepção de linguagem escrita que embasa este estudo baseia-se na dimensão interacionista e discursiva da língua e definem essa língua como uma das condições para a participação do indivíduo na sociedade em seu meio social.

Tendo estabelecido como objetivo de pesquisa compreender o processo de apropriação da escrita por crianças de uma turma de 2º ano do ensino fundamental ao participarem das oficinas percorrendo as fases da escrita, estabeleceu-se um caminho metodológico no qual as crianças pudessem identificar os sentidos atribuídos a escrita ao longo da história, assim como para sua vida.

A sequência das oficinas demonstrou de maneira prática, sempre com a participação dos alunos, as fases de evolução da escrita ao longo do tempo e os variados suportes que foram acompanhando esse trajeto. Essa forma de trabalho desencadeou nos alunos uma vontade de conhecer e explorar as próximas fases, apropriando-se do processo de aprendizagem.

Com o objetivo de analisar a compreensão por parte do aluno, sobre a evolução da escrita foi realizada uma entrevista, no início e no final da pesquisa, com as mesmas crianças, para um exame dos resultados. Na primeira entrevista observa-se uma ausência de conhecimento acerca de quem inventou a escrita, assim como uma representação da escrita somente para fins acadêmicos. Quando questionados a respeito da evolução da escrita ao longo do tempo, as crianças não conseguiram entender o significado da pergunta. Estes dados apontam que estas crianças que estão no processo de alfabetização, não conhecem o surgimento da escrita, os motivos que levaram à sua criação e os percursos que a humanidade percorreu para chegar a escrita como é conhecida hoje. A língua é vista como estática, de função restrita para uso acadêmico. O uso social da língua como ferramenta essencial de comunicação, de civilidade, não apareceu na fala das crianças investigadas.

Ao final da pesquisa, através das respostas dos alunos, pode-se perceber que houve uma maior apropriação do mundo da escrita, através de respostas mais elaboradas remetendo

a escrita como uma criação do homem, que surgiu pela necessidade de comunicar-se. Observa-se a ampliação da visão da escrita como instrumento de uso social e como instrumento de comunicação que está em constante transformação pela ação do homem.

Apesar de muitos alfabetizadores desconsiderarem a importância do conhecimento da história da escrita por parte dos alunos, considero muito valiosa esta ferramenta, cabendo ao professor planejar situações e atividades que desenvolverão uma noção significativa do uso da língua. Com base nestes apontamentos, salienta-se que a escrita e a leitura são atividades humanas que desde seu surgimento se transforma e transforma o sujeito e o seu meio.

Portanto, a pesquisa atingiu seu objetivo ao possibilitar, por meio de oficinas, a expressão das crianças e a compreensão do processo de apropriação da escrita. Desta maneira, compreende-se a relevância deste estudo na contribuição para a melhoria da aprendizagem da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, assim como ampliar a visão dos alunos quanto a função da escrita na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia Martins de Oliveira. **A criança e a apropriação da cultura escrita: uma possibilidade de alfabetização discursiva**. 2019 Tese de Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, M.G. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25067>. Acesso em: maio de 2019
- ANDRE, Marli Elisa D. A. **Estudos de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Lider Livro Editora, 2005.
- ANTUNES, Irande. **Aula de português: encontro interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BAJARD, Élie. **Ler e Dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- BERNARDIN, Jaques. **As crianças e a cultura escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da Leitura: 5ª ed.**, São Paulo: Estação da Liberdade, 2011.
- CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COSTA, Rosimeri. **A evolução e revolução da escrita: um estudo comparativo**. Disponível em: [www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br). Acesso em: 06-07-2018.
- EISENSTEIN, Elisabeth L. **A Revolução da Cultura Impressa: Os Primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1998.
- FISHER, Steven R. **História da escrita: Tradução Mirna Pinsky**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FISHER, Steven R. **História de leitura: Tradução Claudia Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita: Tradução Marcos Marcionilio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- JOLIBERT, Josette. **Caminhos para aprender a ler e escrever: 2ª ed.**, São Paulo: Contexto, 2015
- LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de pesquisa em ciências humanas**.

Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**: 7ª ed., São Paulo: Atlas, 2010.

LODI, João Bosco. **A entrevista Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Biblioteca Pioneira, 1998.

LYON, Martyn. **Livro**. Uma história viva. Tradução Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora, 2001.

OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. **Cultura Escrita e Oralidade**: 2ª ed., São Paulo: Ática, 1997.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

QUEIROZ, Rita de C. R. **A informação escrita**: do manuscrito ao texto virtual. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a\\_info\\_escrita.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf) Acesso em: março/2019.

ROCHA, Ruth. **O livro da escrita**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

SOUZA, Laís A. **Cronologia visual da tipografia**: do surgimento da escrita à Idade Média. Disponível em: [http://www2.uefs.br:8081/msdesenho/xiseminarioppgcdci2015/artigos/SD056\\_cronologia\\_visual.pdf](http://www2.uefs.br:8081/msdesenho/xiseminarioppgcdci2015/artigos/SD056_cronologia_visual.pdf). Acesso em: março/2019.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância**: 1ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VIGOTSKII, LURIA & LEONTIEV. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

YIN, Robert k., **Pesquisa Qualitativa do início ao fim**. Série Métodos de Pesquisa. 1º ed., Porto Alegre: Editora Penso, 2016.

## APÊNDICE

### ENTREVISTA COM OS ALUNOS

1. Quem você acha que inventou a escrita?
2. Como os homens lá do passado, que moravam nas cavernas, que ainda não tinham casa como a gente escreviam? E
3. Em sua opinião, para que serve a escrita?
4. Você acha que a escrita hoje é a mesma que a escrita de antigamente?
5. Você gosta mais que alguém leia uma historinha de um livro para você ou que a pessoa conte uma história sem olhar? Por que? Qual a diferença?

### ENTREVISTA PRÉVIA COM OS ALUNOS

#### ALUNO - 1

1. Quem você acha que inventou a escrita?

R: *A foto que está atrás do livro.*

2. Como os homens lá do passado, que moravam nas cavernas, que ainda não tinham casa como a gente escreviam?

R: *Desenhavam no chão e na caverna.*

3. Em sua opinião, para que serve a escrita?

R: *Para aprender.*

4. Você acha que a escrita hoje é a mesma que a escrita de antigamente?

5. R: *Não. Quando eu era menor escrevia diferente, agora escrevo de outro jeito.*

6. Você gosta mais que alguém leia uma historinha de um livro para você ou que a pessoa conte uma história sem olhar? Por que? Qual a diferença?

R: *Que leiam para mim, porque as histórias são mais legais e diferentes.*

#### ALUNO 2

1. Quem você acha que inventou a escrita?

R: *Não sei.*

2. Como os homens lá do passado, que moravam nas cavernas, que ainda não tinham casa como a gente escreviam?

R: *Desenhavam na parede.*

3. Em sua opinião, para que serve a escrita?

R: *Para ler, para o conhecimento, para a sabedoria.*

4. Você acha que a escrita hoje é a mesma que a escrita de antigamente?

R: *Não sei também.*

5. Você gosta mais que alguém leia uma historinha de um livro para você ou que a pessoa conte uma história sem olhar? Por que? Qual a diferença?

R: *Que alguém conte uma história. Gosto quando minha mãe me conta histórias que ela vê no celular dela.*

### **ALUNO 3**

1. Quem você acha que inventou a escrita?

R: *Não sei.*

2. Como os homens lá do passado, que moravam nas cavernas, que ainda não tinham casa como a gente escreviam?

R: *Desenhavam.*

3. Em sua opinião, para que serve a escrita?

R: *Para aprender as coisas.*

4. Você acha que a escrita hoje é a mesma que a escrita de antigamente?

R: *Não. Acho que era bem diferente, mas não sei como.*

5. Você gosta mais que alguém leia uma historinha de um livro para você ou que a pessoa conte uma história sem olhar? Por que? Qual a diferença?

R: *Gosto que alguém leia para mim, porque as histórias são divertidas.*

### **ENTREVISTA COM OS ALUNOS AO FINAL DAS OFICINAS**

#### **ALUNO - 1**

1. Quem você acha que inventou a escrita?

R: *Os homens.*

2. Como os homens lá do passado, que moravam nas cavernas, que ainda não tinham casa como a gente escreviam?

R: *Com pedras, tinta e frutas. E desenhavam desenhos representando letras.*

3. Em sua opinião, para que serve a escrita?

R: *Para aprender.*

4. Você acha que a escrita hoje é a mesma que a escrita de antigamente?

R: *Não. Mudou.*

5. Você gosta mais que alguém leia uma historinha de um livro para você ou que a pessoa conte uma história sem olhar? Por que? Qual a diferença?

R: *Que conte para mim. Ela não precisa do livro, ela lembra e me conta.*

#### **ALUNO - 2**

1. Quem você acha que inventou a escrita?

R: *Não sei.*

2. Como os homens lá do passado, que moravam nas cavernas, que ainda não tinham casa como a gente escreviam?

R: *Eles tinham que caminhar até onde o amigo estava e falar e se quisesse registrar ele escrevia no chão e esperava o amigo passar.*

3. Em sua opinião, para que serve a escrita?

R: *Para a gente conversar com as pessoas.*

4. Você acha que a escrita hoje é a mesma que a escrita de antigamente?

R: *Não. As formas mudaram. Exemplo o L e a “cobrinha”.*

5. Você gosta mais que alguém leia uma historinha de um livro para você ou que a pessoa conte uma história sem olhar? Por que? Qual a diferença?

R: *Conte, porque quando a pessoa lê, as vezes ela “trava”, demora, e quando ela conta isso não acontece.*

#### **ALUNO - 3**

1. Quem você acha que inventou a escrita?

R: *Os homens.*

2. Como os homens lá do passado, que moravam nas cavernas, que ainda não tinham casa como a gente escreviam?

R: *Com as mãos, usando pedras.*

3. Em sua opinião, para que serve a escrita?

R: *Eu não sei... para que se usa a escrita. Para dar recados.*

4. Você acha que a escrita hoje é a mesma que a escrita de antigamente?

R: *Não. Mudou a escrita, antes eles escreviam de um jeito e ela foi mudando.*

5. Você gosta mais que alguém leia uma historinha de um livro para você ou que a pessoa conte uma história sem olhar? Por que? Qual a diferença?

R: *Que conte com o livro porque gosto de ver as ilustrações.*